

26 MAI 1991

# O trauma da Saúde no Rio

O GLOBO

MARIA EMÍLIA AMARAL

A saúde no Rio de Janeiro vai mal há muito tempo, mas nunca esteve como está: por um fio. Que o digam os médicos dos hospitais de emergência da cidade — Souza Aguiar, Miguel Couto e Salgado Filho, da Prefeitura, que respondem por praticamente todos os atendimentos às vítimas de acidentes graves, sem o mínimo de recursos adequados para o exercício de tamanha tarefa. Medicamentos, aparelhagem, salário, falta absolutamente tudo.

Com exceção do Hospital do Andaraí, as unidades do Inamps não atendem aos pacientes em estado grave, que são sempre removidos para um dos três sobrecarregados hospitais da Prefeitura, engrassando a já extensa fila de politraumatizados levados, pelas ambulâncias do Corpo de Bombeiros, de todos os pontos da cidade. Vale ressaltar que na maioria dos casos é uma temeridade substituir a ambulância pelo hospital, já que nela são melhores as condições de vida do acidentado, pelo menos por algum tempo. Que o digam os colegas dos hospitais do Estado (Ge-

túlio Vargas, Rocha Faria e Pedro II). A precariedade de suas instalações, por si só, ameaça mais a vida do que os acidentes de trânsito e a violência da cidade. São centros cirúrgicos quebrados, UTIs desativadas, paredes infiltradas com risco de desabar, goteiras nas enfermarias, insetos e roedores nos leitos, e tantas terríveis outras coisas mais.

Nada do que foi dito aqui, no entanto, é novidade para a população do Rio de Janeiro, e tampouco para as autoridades municipais e estaduais. Resta a conclusão de que estamos todos envolvidos na cadeia das omissões, que levou o sistema de saúde da cidade à situação de miséria em que se encontra. É maior todavia a responsabilidade dos governantes que, ao receberem os aval das urnas, não cumprem as metas prometidas à população que lhes confiou a esperança de uma melhor qualidade de vida.

No Rio, se a saúde vai mal, os profissionais vão de mal a pior. Chega a ser constrangedora a constatação de que o gari da Comlurb recebe um salário duas vezes maior do que o do médico da Prefeitura, enquanto o motorista da carreta da mesma Comlurb chega a receber cinco vezes mais do que um neurocirurgião,

anestesiista, clínico geral, pediatra etc. Nada contra os funcionários da limpeza urbana, que, aliás, muito mais do que nós médicos, têm sabido fazer valer os seus direitos e demonstrar como o seu trabalho é essencial para a cidade. A fundamental diferença está exatamente na forma da reivindicação. Greve de médico pune o doente e o próprio médico; que ao abrir mão da responsabilidade de tentar salvar a vida que lhe é confiada abre mão também da própria dignidade.

Não encontramos ainda a melhor maneira de sensibilizar a sociedade e estimular a vontade política do Prefeito da cidade e do Governador do Estado, mas acredito que estamos no caminho certo quando rompemos os limites dos hospitais, onde corremos o risco de perder a capacidade de indignação, para buscar aliados.

A classe média tem procurado se defender das carências dos hospitais públicos, porque sabe o que se passa por lá, ocorrendo em massa ao seguro-saúde. Foi farto o noticiário sobre os descabros na Saúde depois da posse do Ministro Alcení Guerra, mas apesar do barulho e de todos os efeitos especiais patrocinados pelo Governo federal a situação só tem piorado.

Precisar de atendimento de emergência no Rio de Janeiro, principalmente se em consequência de trauma externo (acidentes de automóvel, tiros), significa precisar de atendimento na rede pública da Prefeitura — Hospitais Souza Aguiar, Miguel Couto e Salgado Filho — já que nenhum hospital particular, por mais bem aparelhado que esteja, tem médicos especialistas de plantão para dar atendimento imediato a um traumatizado com indicação cirúrgica. Mais do que grave, o quadro beira o patético quando se sabe que a Prefeitura do Rio de Janeiro destina verba superior à da Saúde à Fundação Riozão e à Comlurb, segundo dados publicados pela imprensa no ano passado, extraídos da proposta de orçamento para 1991.

Para honra e glória dos cariocas, o Rio foi escolhido para sediar o Congresso Mundial de Meio Ambiente no próximo ano, quando vai receber representantes de vários países do Primeiro Mundo. Não há como deixar de questionar se a ecologia, dissociada da saúde e do bem-estar do ser humano, poderá lhe valer algum dia.

Maria Emília Amaral é médica e Presidente da Comissão de Ética do Hospital Souza Aguiar.